



ALUÍSIO DE AZEVEDO

Aluísio Azevedo (1857-1913) nasceu em São Luís do Maranhão. Fez estudos irregulares, enquanto trabalhava no comércio e praticava pintura. Em 1881, ano da publicação de *O mulato*, transferiu-se definitivamente para o Rio de Janeiro. Integrou-se nos grupos boêmios da época, dedicando-se ao mesmo tempo à elaboração de seus romances. Em 1895, ingressou na carreira consular e prestou serviço em vários países: Espanha, Japão, Inglaterra. Argentina.

É [...] como romancista social que melhor se afirmou o talento de Aluísio. É o escritor apaixonado, o artista combativo, pondo a nu os problemas sociais e morais da realidade brasileira do seu tempo: o preconceito de cor, os preconceitos de classe, a ganância de lucro fácil – e todas as injustiças e misérias decorrentes. Mais do que o indivíduo, é a sociedade que lhe interessa. Mais que miniaturista de alma, é o pintor de amplos murais. E é na pintura um verdadeiro impressionista: colorido vivo, tons fortes e quentes. Mostra preferência pelos tipos vulgares e grosseiros, pelos ambientes sujos e situações deprimentes – o artista procurando acordar a consciência do leitor, da sociedade comprometida nas injustiças.

(Celso Pedro Lift. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre, Globo, 1967, p. 21.)

A habilidade de Aluísio de Azevedo como caricaturista originou um interessante método no seu fazer literário. Um de seus colegas da época conta que ele “[...] procurava conviver com os personagens dos episódios que estava escrevendo [...] Completada a idealização de seu novo romance, pintava a cores, sobre papelão, as respectivas figuras; recortava-se os contornos, pregava-lhes um pequeno bloco de madeira, de modo que se pudessem ter um pé [...]” A partir deles, Aluísio escrevia cenas de seus romances. O próprio autor dirá mais tarde: “Quando escreve [...] pinto mentalmente. Primeiro desenho os meus romances. Depois, redijo-os”

(Apud Carlos Faraco, ‘O povo como personagem’. Em Aluísio Azevedo. *O mulato*. São Paulo. Ática. 1992. p. 4-6.)

O CORTIÇO

O cortiço é um romance de nítido e profundo corte sociológico, estudando as relações entre o elemento português, que explora o Brasil em sua ânsia de enriquecimento, e o elemento brasileiro, apresentado como inferior e vilmente explorado pelo português. A obra resulta da aceitação das idéias filosóficas e científicas do tempo pelo autor: aparecem devidamente diluídas no romance noções de *Determinismo*, de *Evolucionismo*.

Na elaboração de **O cortiço**, Aluísio Azevedo seguiu como em *Casa de pensão*, a técnica naturalista de Zola. Visitou inúmeras habitações coletivas no Rio, tomou anotações do ambiente, em várias horas do dia; interrogou lavadeiras, capoeiras, vendedores, cavolqueiros; observou-lhes a linguagem; escutou atento os ruídos dos cortiços; sentiu-lhes o cheiro (como na obra de Zola, as imagens olfativas têm importância na fixação do ambiente, processo criado pelos naturalistas); viu-lhes a promiscuidade, e sentiu que as coletividades, apesar de divergirem, são ligadas por um estranho sentimento de classe, que as une, nos momentos mais críticos, quando são esquecidos os ódios e as divergências.

O cortiço representa uma conquista definitiva do nosso romance, pois, pela primeira vez na literatura, um escritor dá vida e corpo a um agrupamento humano, uma habitação coletiva.

Inúmeros tipos humanos, quase todos representantes de uma população marginal, desfilam pelas páginas do romance. O ambiente degradado e corrupto onde vivem é o cortiço, cujo dono é o português João Romão, também proprietário da pedreira, onde trabalham, e da venda, onde se endividam ao comprar fiado.

Leitura

CAPÍTULO III

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um fartum* acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.

Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava* já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam*, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saíam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se* à luz nova do dia.

Dáí a pouco, em volta das bicas era um zum-zum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

O rumor crescia, condensando-se; o zum-zum de todos já não se destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se* discussões e resingas*; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sangüínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a satisfação de respirar sobre a terra.

fartum: mau cheiro

traquinava: do verbo *traquinar*, “fazer travessura”.

altercavam: do verbo *altercar*, “discutir”; “provocar polêmica”.

espanejando-se: do verbo *espanejar*, “sacudir (as aves) o pó das asas, batendo-as”.

ensarilhavam-se: do verbo *ensarilhar*, aqui empregado com o sentido de “enredar”, “embaraçar”, “misturar”.

resingas: (nessa acepção, atualmente grafado com z): disputas, resmungos.

ESTUDO DO ROMANCE O CORTIÇO

O cortiço: esse romance é o nascimento, vida, paixão e morte de um cortiço. A ele se opõe o sobrado, como símbolo de uma posição social a ser conquistada. Em ambos, o elemento português é focalizado em posições extremas, mas considerado na categoria de imigrante. Nesse caso, dois tipos se opõem: João Romão e o Comendador Miranda. Um dos aspectos da pesquisa social do romancista consiste em traçar o roteiro ascensional de ambos, até a conquista de uma posição social suficiente para empanar a podridão de processos e de comportamentos adotados. Em João Romão, o inescrúpulo e a exploração humana vêm expostos; no Comendador, já na esfera ambicionada pelo primeiro, é a simulação ditada pelas conveniências sociais. Mas o Comendador simboliza a meta final almejada por pessoas da origem de João Romão. Por isso, o romancista dá ênfase a este último: de empregado ele passa a vendeiro e proprietário, agrega à sua venda uma estalagem improvisada e a transforma no corpo amorfo do cortiço, cujo destino é condicionado ao processo de enriquecimento e da conquista de posição social ambicionada. O cortiço existe até o momento que o seu proprietário sobe o degrau visado, assim procedendo sem qualquer consideração pelo elemento humano que compunha aquele agrupamento por ele já tão explorado. Ao mesmo tempo, o romancista nos comunica o seu extraordinário poder de observação e de registro das emoções da coletividade mais ou menos bestializada que compunha o cortiço. E dá relevo a certos tipos, como recurso que favorece o seu extraordinário poder de emprestar vida e corpo único a agrupamentos humanos em morada coletiva.

(Antônio Cândido, **Presença da Literatura Brasileira**, Vol. II).

Leitura

Texto I

O trecho a seguir flagra um momento de lazer de *O cortiço*, o momento em que Rita Baiana dança e causa impressão em Jerônimo, um português recém-chegado ao Brasil.

E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por um saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua cama de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher.

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhagas e bomboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal num requetado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços

estendidos, a tremer toda, como se fosse afundado num prazer grosso que nem azeite em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra titilando.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente d'oi meio-dia; ela era o calor vermelho das sestadas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoava nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que e3svoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisiaca.

(Op. cit., p. 56-7.)

Texto II

CASA DE PENSÃO

CAPÍTULO IV



Amâncio chegou à república muito indispuesto. Quase que não dava conta dos quatro lances de escada que a precediam.

Também foi só chegar e atirar-se à primeira cama, gemendo e resbunando ao peso de uma grande aflição. Estava mais branco do que a cal da parede; o suor escorria-lhe por todo o corpo; respirava

com dificuldade, a abrir a boca e a retorcer os olhos.

- Então? disse Paiva, batendo-lhe no ombro.
- Mal! respondeu Amâncio, sem levantar a cabeça, que deixara cair sobre o peito. E com um gesto pediu água.
- Isso passa! afiançou o colega, entregando-lhe o púcaro cheio. Estás é com um formidável pifão.
E riu-se.
- Eu quero vomitar! exclamou Vasconcelos, apressado pela agonia, e mal teve tempo de erguer o rosto.
- És um fracalhão! ponderou o companheiro, amparando-o pela testa - Que diabo! quem não pode com o tempo não

inventa modas!

Amâncio não respondia: os engulhos vinham-lhe uns sobre os outros.

- Ai! ai! gemia oprimido.
- Ora que tipo! disse Paiva, atirando-o sobre os travesseiros.
- Vê se consegues dormir! Isto não é nada!

E narrou um caso idêntico que experimentara. Amâncio sentia-se um pouco mais aliviado, continuava, porém, a suar frio; tinha a cabeça completamente ensopada e não dispunha de forças para coisa alguma. Os olhos fechavam-se-lhe com um entorpecimento pesado de sono. Pediu mais água. E, depois de a tomar, deu a entender que era preciso que o despissem e descalçassem.

Paiva entrou a tirar-lhe a roupa, safou-lhe com dificuldade as botinas, porque as meias estavam suadas. Amâncio, muito prostrado, mole, a virar-se de uma para outra banda, aiava sempre. Afinal sossegou, parecia adormecido; mas, ergueu-se logo, com ímpeto, e começou a vomitar de novo, sem dizer palavra.

- Que pifão! reconsiderava o colega, encarando-o com as mãos cruzadas atrás.
- Homem! Vê se lhe dás um pouco de amônia! lembrou do fundo do quarto uma voz arrastada e um pouco fanhosa. Só então Amâncio percebeu que ali, a seis ou sete passos distante dele, estava um rapaz magro, muito amarelo, em ceroulas e corpo nu, estendido numa cama, a ler, todo preocupado, um grosso volume que tinha sobre o estômago. Parecia deveras ferrado no seu estudo, porque até aí não dera fé do que se lhe passava em derredor.
- Olha! disse ao Paiva. - Creio que está acolá, sobre a mesa, por detrás do Comte. É um frasquinho quadrado, com rolha de vidro.

Dito isto, recolheu-se de novo à leitura, como se nada houvesse sucedido.

Amâncio serenou de todo com algumas gotas de amoníaco em um copo d'água, e afinal pegou no sono profundamente. Só acordou no dia seguinte, quando o sol já entrava pela única janela do quarto. Sentia a boca amarga e o corpo moído. Assentou-se na cama e circunvagou em torno os olhos assombrados, com a estranheza de um doido ao recuperar o entendimento.

O sujeito magro da véspera lá estava no mesmo sítio; agora, porém, dormia, amortalhado a custo num insuficiente pedaço de chita vermelha. Do lado oposto, no chão, sobre um lençol encardido e cheio de nódoas, a cabeça pouxada num jogo de dicionários latinos, jazia Paiva, a sono solto, apenas resguardado por um colete de flanela.

Mais adiante, em uma cama estreita, de lona, viam-se dois moços, ressonando de costas um para outro, com as nucaas unidas, a disputarem silenciosamente o mesmo tra-

vesseiro. O quarto respirava todo um ar triste de desmazelo e boêmia. Fazia má impressão estar ali: o vômito de Amâncio secava-se no chão, azedando o ambiente; a louça, que servira ao último jantar, ainda coberta de gordura coalhada, parecia dentro de uma lata abominável, cheia de contusões e roída de ferrugem.

Uma banquinha, encostada à parede, dizia com o seu frio aspecto desarranjado que alguém estivera aí a trabalhar durante a noite, até que se extinguiu a vela, cujas últimas gotas de estearina se derramavam melancolicamente pelas bordas de um frasco vazio de xarope Larose, que lhe fizera as vezes de castiçal. Num dos cantos amontoava-se roupa suja; em outro repousava uma máquina de fazer café, ao lado de uma garrafa de espírito de vinho. Nas cabeceiras das três camas e ao comprido das paredes, sobre jornais velhos e desbotados, dependuravam-se calças e fraques de casimira; em uma das ombreiras da janela umas lunetas de ouro, cuidadosamente suspensas num prego. Por aqui e por ali pontas esmagadas de cigarro e cuspalhadas ressequidas. No meio do soalho, com o gargalo decepado, luzia uma garrafa.

A luz franca e penetrante da manhã dava a tudo isso um relevo ainda mais duro e repulsivo; o coração de Amâncio ficou vexado e corrido, como se todos os ângulos daquela imundície o espetassem a um só tempo.

Texto III